

## O Órgão Setecentista de Diamantina: em busca da identidade deste instrumento

*Handel Cecílio Pinto da Silva*  
*Organista e Professor da Faculdade Batista de Belo Horizonte*  
e-mail: [handel\\_cecilio@hotmail.com](mailto:handel_cecilio@hotmail.com)

### **Sumário:**

Após um longo período em silêncio, o órgão da Igreja do Carmo de Diamantina voltará a soar novamente. Este instrumento construído nesta remota parte de Minas e tão longe da Europa foi considerado por Curt Lange<sup>1</sup>, como sendo o mais completo órgão jamais construído nesta parte das Américas. Obra prima do Pe. Manoel Almeida da Silva, foi terminado em 1787 e inaugurado pelo organista e compositor Lobo de Mesquita. Dos órgãos das igrejas onde Lobo de Mesquita atuou, este é o único que sobreviveu. O desvendar dos mistérios em torno deste instrumento é o foco de nosso projeto de pesquisa de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Edmundo Hora.

**Palavras-Chave:** O Órgão de Diamantina. Organária Setecentista. Colonial Mineiro. Lobo de Mesquita.

### **1 – Introdução: O contexto histórico**

A Capitania das Minas Gerais desenvolveu ao longo do século XVIII o que pode ser considerado como um dos conjuntos artísticos barrocos mais expressivos do Brasil, tanto na qualidade quanto no volume do corpus. Tal produção artística se sustentou em grande parte na riqueza produtiva proporcionada pela extração do ouro e diamantes descobertos a partir de 1693 e 1727, respectivamente.

O desenvolvimento da atividade musical em Minas Gerais ocorreu paralelamente à construção dos primeiros arraiais e de suas capelas de taipa. Houve uma atividade musical elevada e tão intensa que sobrepujava de longe toda outra atividade artística do período áureo de Minas Gerais.

Provoca espanto o extraordinário desenvolvimento da vida musical na capitania das Minas Gerais durante o século XVIII. Em pleno sertão, distante do litoral e infinitamente longe dos centros culturais da Europa, surgiu aí uma atividade musical intensa, de alto nível de execução e criação. Além do mais, é inacreditável a rapidez com que cresceu essa cultura musical nas principais vilas mineiras. (Kiefer, 1977: p. 31).

Sérgio Buarque de Holanda afirma que: “jamais se manifestou, em solo americano, um movimento de expressão tão elevada” (Holanda, 2003, p. 139). Neste mesmo capítulo ele finaliza dizendo: “existiu, ao mesmo tempo humilde e gloriosa, inseparável das demais manifestações artísticas, uma ‘Escola de Compositores da Capitania Geral das Minas Gerais’”. (Holanda, 2003, p. 162).

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire<sup>2</sup> relata em uma de suas viagens pela Província de Minas Gerais por volta de 1816, assistindo uma missa com música na quinta-feira santa na Matriz da Vila do Príncipe do Serro do Frio (atual cidade do Serro):

---

<sup>1</sup> Francisco Curt Lange, Musicólogo alemão que dedicou grande parte de sua vida ao estudo das fontes musicais latino-americanas. Foi o descobridor e divulgador na Europa da obra de Lobo de Mesquita na década de 1950.

<sup>2</sup> A. Saint-Hilaire (1779-1853) escreveu vários livros sobre suas pesquisas e as viagens que são documentos preciosos sobre o Brasil do princípio do século 19. Saint-Hilaire era um observador minucioso, preocupado em fazer o leitor “viajar” com ele. Por isso, seus relatos são ricos de lições de história, geografia, sociologia e antropologia.

Os músicos, todos habitantes do local, estavam reunidos em uma tribuna, e o público não tomou parte nos cantos. A música era apropriada à santidade do lugar assim com à solenidade da festa, e foi perfeitamente executada. Vários cantores tinham ótima voz, e duvido que em qualquer cidade do norte da França, de população equivalente, se executassem uma missa musicada tão bem quanto esta foi (Saint-Hilaire, 2000: p. 151).

## 2 – Os Órgãos na Capitania Das Minas Gerais.

Na Capitania das Minas Gerais existiram diversos órgãos fixos e positivos<sup>3</sup>, havendo uma preocupação não somente em adquirir, mas também em conservar os instrumentos. Alguns órgãos, como o da Igreja do Carmo de Sabará, foram trazidos do Rio de Janeiro e eram transportados em lombo de mulas. Aqueles trazidos de Lisboa possuíam um sério problema pois, sendo construídos com madeiras européias, eram pouco resistentes aos numerosos insetos das regiões tropicais. Isto levou à construção em Minas desses instrumentos usando madeiras locais. Deste período destacamos dois organeiros: Athanzio Fernandez da Silva (1767-1843?) e Pe. Manoel de Almeida e Silva.

Athanzio Fernandez da Silva, que era organista e organeiro, foi responsável pela construção de órgãos como o da Igreja N. S. do Rosário em Itabira, Igreja N. S. do Carmo (1819) e Igreja N. S. Rosário em Vila Rica, Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas (1825), Igreja de São Francisco de Mariana (1827/1828) e por serviços de manutenção e reparos na Catedral de Mariana (1819, 1820 e 1828) e no Colégio do Caraça (1825 e 1830).

Padre Manuel de Almeida e Silva construiu em Diamantina os órgãos da Matriz de Santo Antonio, da Capela de Nossa Senhora do Amparo e da Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Há registro de um Portativo construído por ele e ofertado por Conrado Caldeira Brant à Confraria das Mercês em 1788. Temos muitas poucas referências biográficas e sobre a formação em organeria do Pe. Manuel de Almeida Silva.

Apesar de ser cabeça do Distrito dos Diamantes o lugar foi durante muito tempo uma sucursal; entretanto contam-se aí sete igrejas principais e duas capelas. Todos esses edifícios são pequenos mas ornados com bom gosto e muitos limpos. Por cima das portas das igrejas há uma tribuna onde ficam os músicos quando se celebram missas solenes. Várias igrejas possuem um pequeno órgão, construído na aldeia; há também as que possuem belos ornatos e são muito ricas em prataria. As mais bonitas são as de Santo Antônio, S. Francisco e do Carmo (Saint-Hilaire, 2004: p. 28).

## 3 - O Órgão de Tubos da Igreja do Carmo de Diamantina

Dentro do conjunto de órgãos históricos de Minas Gerais há três instrumentos mais relevantes no que diz respeito ao porte, à composição e ao requinte da caixa: o da Catedral de Mariana, o da Matriz de Santo Antônio de Tiradentes e o órgão da Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina (antigo Arraial do Tejuco<sup>4</sup>).

Construído entre 1782 e 1787 pelo Pe. Manuel de Almeida e Silva e possivelmente orientado por José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita<sup>5</sup>, o órgão da Igreja do Carmo de Diamantina foi integralmente feito no próprio local, a um custo total de *Hum mil e trezentos e vinte e cinco mil Réis* (1:1000 oitavas de ouro, tal a proporção entre o ouro em pó e a moeda). Este instrumento representou o maior esforço de Pe. Manuel Almeida Silva, se considerarmos os valores de cada um

---

<sup>3</sup> Órgão Positivo: pequeno órgão portátil de um manual usado para fins litúrgicos e seculares, como para música de câmara e possui poucos registros.

<sup>4</sup> Arraial do Tijucu (Tijucu = Ty-Yuc): que em tupi significa: liquido podre, lama, brejo. Atual Cidade de Diamantina.

<sup>5</sup> Nascido na Vila do Príncipe do Serro do Frio aos 12 de outubro de 1746 e faleceu na Capital da Colônia (Rio de Janeiro) em 3 de maio de 1805.

de seus empreendimentos. Existiu um órgão anterior a este que se encontrava em condições imprestáveis e por isto, os irmãos da ordem resolveram a 3 de Março de 1781 fazer um novo órgão e a 13 de Fevereiro de 1782 foi o trabalho ajustado com Pe. Manuel de Almeida e Silva.

O posicionamento deste instrumento ao centro do coro, é algo realmente raro. Por enquanto, temos similares na Igreja de Miranda do Douro (1696) no Distrito de Bragança em Portugal, outro no Distrito de Córregos – MG e o órgão Dragão da Coroa no Mosteiro de São Bento (1773) na Cidade do Rio de Janeiro. Os órgãos geralmente eram colocados no coro do lado do Evangelho (à esquerda do altar), da Epístola (à direita do altar) ou até mesmo ao centro. Neste último caso, sempre com o organista assentado de costas para o altar ou lateralmente a caixa. Nos livros da Ordem do Carmo encontramos referência sobre a decisão de se colocar este instrumento desta forma: “Em 28 de Abril de 1782, resolveu a mesa assentar o instrumento no meio do coro da capela”. Ainda não encontramos as razões para isto.

Existem algumas curiosidades relacionadas a este instrumento. Primeiramente citamos uma engenhosa solução para que o regente-organista acompanhar a celebração da liturgia da missa visualizando o altar-mor, pois a caixa obstrui completamente a visão da nave da igreja. Trata-se de um “olho mágico” no centro da estante de partitura que atravessa a caixa do órgão, possibilitando assim ao organista ver a mesa do altar. É interessante que, em 1788 foi organizada uma associação na qual Chica da Silva e Padre Rolim participaram com doação de recursos. Este foi o primeiro órgão a ser tocado por uma mulher e que era cega. Ana Maria dos Santos Mártires (1898 - 1806) além de organista era compositora. Dos órgãos das igrejas onde Lobo de Mesquita atuou, este é o único que sobreviveu. e que não foi romantizado<sup>6</sup>.

Lobo de Mesquita, foi o primeiro organista nomeado para este instrumento e nele compôs e executou grande parte de sua obra. Foi contratado para o posto em julho de 1789 onde permaneceu até o início de 1798 quando se dirigiu a Vila Rica. Nos livros da Ordem do Carmo de Diamantina encontramos no termo N. 67 de 17 de Julho de 1789 a contratação de Lobo de Mesquita para desempenhar as funções de organista com as seguintes obrigações:

Tocar o órgão em todas as missas, e ladainhas de Nosso Senhor que se costumão [sic]  
Selebrar [sic] nesta Igrª, a saber  
nas Sextas-feiras e Sábados, e em todos os dias de qualquer festividade de N. Snrª na novena,  
e dia de Santa Quitéria,  
Novena e dia de Nossa Senhora do Monte do Carmo,  
Tríduo de Santo Elias,  
Novena e dia de Santa Teresa,  
Sentenario [sic] de Nossa Senhora das Dores.  
Quando nas sobreditas ocasiões nem houver muzica [sic], porque no caso de haver,  
ficara elle [sic] dito habilitado para entrar nela, e também quando se fizer algum culto ao  
Senhor São Joze [sic]. (Lange, 1982: p.123).

Este órgão tem fachada com coroamento em forma de Lira invertida, console do tipo janela. Possui 549 tubos sendo: 122 de madeira (cedro cheiroso), 427 de liga metálica (chumbo e estanho) e 04 ornamentais na fachada. Tem 18 meios registros (09 de mão direita e 09 de mão esquerda). Um teclado de oitavas com 61 teclas (começando pelo F<sup>4</sup> ao F<sup>5</sup>) e partido com divisão entre o Si<sup>2</sup> e o Dó<sup>3</sup>, não possui pedaleira e nem *ptsas*. Atualmente o instrumento conserva aproximadamente 97% de sua tuberia original mesmo tendo sofrido diversas intervenções.

---

<sup>6</sup> Durante a segunda metade do século XIX, obedecendo a uma nova proposta estética, os órgãos barrocos passaram por um processo de reformulação quando era trocada a ação mecânica por pneumática ou elétrico-pneumática. Estes instrumentos ficavam desprovidos de jogos de mutação, descaracterizando completamente o instrumento barroco. A este chamamos de romantização.

Registros: Inscrições Atuais (1940)	Registros: Inscrições Antigas <sup>7</sup>		Registros Originais (segundo Curt Lange)	Material dos Tubos
	Possivelmente Séc. XVIII	Possivelmente Séc. XIX		
<i>F TAPADO (8')</i>	<i>F TAPADO</i>	X	<i>Flauta 8'</i>	<i>Tubos de Madeira de cedro cheiroso</i>
<i>E ABERTO (4')</i>	<i>E ABERTO</i>	X	<i>Bordão 4'</i>	Tubos de Metal
<i>G GRAVE (8')</i>	<i>GRAVE</i>	X	Principal 8'	<i>Tubos de Metal Fachada</i>
<i>FLAUTA (4')</i>	X	<i>1ª FLAUTINI COMPOSTA<sup>8</sup></i>	<i>Oitava 2 2/3'</i>	<i>Tubos de Metal</i>
<i>A COMPOSTA (4')</i>	X	<i>2ª FLAUTINI COMPOSTA</i>	<i>Oitava 2'</i>	<i>Tubos de Metal</i>
<i>D COMPOSTA (4')</i>	X	<i>3ª FLAUTINI COMPOSTA</i>	<i>Oitava 1 3/5'</i>	<i>Tubos de Metal</i>
<i>C COMPOSTA (4')</i>	X	<i>4ª FLAUTINI COMPOSTA</i>	<i>Quinta Aguda 1 1/3'</i>	<i>Tubos de Metal</i>
<i>B COMPOSTA (4')</i>	X	<i>5ª FLAUTINI COMPOSTA</i>	<i>Oitavinha 1'</i>	<i>Tubos de Metal</i>
<i>H SORDO (4)'</i>	<i>Não legível</i>	X	<i>Regal 8'</i>	<i>Tubos de Palheta com pavilhão de metal</i>

Quadro 1: Registros do Órgão

Quanto a caixa deste instrumento, há registro de pagamento ao mestre português Jose Soares de Araújo, natural de Braga, pela talha e a pintura do retábulo do órgão. A pinturas da capela-mor (1766) e da nave (1778-1784) foram executadas por este mesmo artista.

Ao longo de sua existência, este instrumento teve várias intervenções. Seu problema maior sempre foi o fole. Os livros de despesas da Ordem do Carmo registram gastos freqüentes com a reforma e troca do fole do órgão desde sua construção.

A reforma mais recente foi feita em 1940 por Anísio Santos e Eugênio Viana. Foi instalado um motor elétrico, sem ventoinha, movendo os foles através de mecanismo. Segundo orçamento dos mesmos, o órgão não possuía mais o fole. Alterados a tábua de redução<sup>9</sup> e a disposição dos tubos da seguinte maneira: teclas brancas de um lado do segredo e as pretas de outro, não observando a divisão de um teclado ibérico<sup>10</sup>. Quanto aos tubos, alguns foram cortados e outros aumentados, utilizando-se papelão e barbantes para igualar todas fileiras de Composta na mesma altura (4 pés).

#### 4 - O projeto de restauro

Este projeto nasceu em nossa primeira ida a Diamantina, quando colocamos como desafio pessoal fazer este órgão novamente soar. Fizemos uma série de fotos e um levantamento sobre o estado do instrumento. De volta a Belo Horizonte, procuramos algumas pessoas que poderiam se interessar em levar este projeto em frente. Marco Aurélio Brescia, então organista titular do Coro de Capilla da Basílica Pontificia de San Miguel em Madrid, abraçou a idéia e juntos formamos a Associação Amigos do órgão Lobo de Mesquita que passou a administrar este projeto.

<sup>7</sup> Esta coluna está dividida em duas pois são duas inscrições em épocas diferentes e onde estão colocados o "X", correspondem as inscrições não legíveis.

<sup>8</sup> Composta: Possivelmente esta nomenclatura se refere a uma mistura.

<sup>9</sup> É o mecanismo de transmissão do teclado às válvulas do segredo que proporcionam o ar chegar aos tubos.

<sup>10</sup> Nos teclados dos órgãos ibéricos, o teclado é dividido entre o Si<sup>2</sup> e o Dó<sup>3</sup>. Os tubos dos registros da direita ficam posicionados a direita do órgão e os dos registros da esquerda, à esquerda respectivamente.

Mitra Arquidiocesana Diamantina é proponente do projeto de restauração deste instrumento, com o apoio da Associação de Amigos do Órgão Lobo de Mesquita. O responsável técnico é o organista Bruno Forst e os trabalhos de restauro estarão a cargo do *taller de organeria Hermanos Desmottes S.L.*, localizado em Landete, província de Cuenca, Espanha.

Concluídos os trabalhos de restauro, acontecerá um festival de música antiga marcando o retorno de uma atividade organística que foi perdida ao longo dos anos nesta cidade. Uma série permanente de concertos dará seqüência a esta programação e o órgão terá também seu retorno como instrumento litúrgico voltando a ser usado regularmente nas missas.

## 5 - Pesquisa de Campo

Em recente pesquisa que fizemos ao norte de Portugal, em Vila Verde (Distrito de Braga), encontramos dois órgãos similares ao de Diamantina tanto na feitura de suas caixas, como no mecanismo e conjunto de registros. Estes instrumentos se localizavam nas Freguesias de Duas Igrejas e de Picos de Regalados. Ambos os órgãos destas cidades são de construtores desconhecidos. Um deles, o de Picos de Regalados, foi restaurado pelo organeiro Antonio Simões em 2001. O instrumento de Duas Igrejas funciona em estado muito precário, mas existe um projeto de restauro em andamento.

Comparando os registros dos três instrumentos temos:

	Diamantina	Duas Igrejas	Picos de Regalados
Mão Esquerda	<i>Principal 8'</i> <i>Flauta 8</i> <i>Bordão 4'</i> <i>Quinta 2'2/3</i> <i>Oitava 2'</i> <i>Oitava 1'1/3</i> <i>Quinta Aguda 1'3/5</i> <i>Oitavinha 1'</i> <i>Regal 8'</i>	Cheio a 3 vozes Dezanovena Composta Quinzena – 15ª Flautado de 6 (8ª real) Flautado de 12 Bordão	Clarim Cheio 3 F Cornetilha Dozena Oitava Real Fl. 12 AB <sup>0</sup>
Mão Direita	Mesmo Registros	Clarín (palheta) Cheio a 3 vozes Dozena Composta Oitava Real Flautado de 12 Aberto Tapadilho	Trombeta Batalha Cheio 4F Dezanovena Quinzena Oitava Real Fl. 12 TAP

Quadro 2: Paralelo entre os registros dos órgãos

São impressionantes as semelhanças entre as caixas e os mecanismos nos três instrumentos.

Após nossa ida a Vila Verde, passamos a considerar a hipótese de que o órgão de Diamantina se trata de um instrumento ibérico com influência italiana e “galega”, como seus dois “irmãos portugueses”.

Fazendo-se uma comparação entre as fachadas do órgão de Diamantina e o de Pico de Regalados, o console de janela do instrumento de Diamantina e o da Igreja Paroquial de Duas Igrejas; concluímos que as caixas dos três instrumentos são muito similares. (ver Quadro 3).

Segundo o Dr. Eduardo Pires de Oliveira<sup>11</sup>, não podemos considerar as semelhanças somente pelas caixas mas sim, pelos mecanismos e tuberia. Era muito comum naquela época

<sup>11</sup> Dr. Eduardo Pires de Oliveira é pesquisador e historiador. Técnico da Biblioteca Pública de Braga / Universidade do Minho. Acadêmico correspondente da Academia Nacional de Belas Artes. Investigador no domínio da história local e arte barroca e rococó luso - brasileira. Autor de mais de uma centena de livros e artigos em revistas científicas e atas de congressos. Prêmio José de Figueiredo 1994 / A. N. B. A.

circularem pela Capitania das Minas Gerais coletâneas de ilustrações de caixas de órgãos que os mestres de talha usavam na confecção das caixas. Os mecanismos destes instrumentos são idênticos em toda estrutura: a mecânica dos puxadores e da tábua de redução, o segredo e até em pequenos detalhes como peças em ferro batido que servem para fechar o segredo.

## 6 - O Projeto de Pesquisa: Questionamentos

Existem vários mistérios e dúvidas em torno deste instrumento a serem desvendados:

1. Que influências estão presentes na construção deste órgão? Consideramos este instrumento como sendo de construção ibérica que incorpora elementos de influência italiana mas, como os órgãos portugueses que são semelhantes a este, também tiveram influência “galega”. Durante século XVIII Portugal esteve ligado culturalmente a península Itálica, o que influenciou fortemente sua música e instrumentos.
2. Não temos muitas referências sobre Manuel de Almeida Silva. Sabemos era um padre português que pode ter vindo do norte de Portugal para o Brasil. Outra hipótese seria dele ser filho de pais portugueses nascido na Colônia. Em nossas pesquisas, descobrimos no cemitério da Igreja do Carmo um túmulo da família Almeida e Silva que registram datas de nascimento do ano de 1787. Não sabemos nada a respeito de sua formação como construtor de órgãos, que pode ter adquirido em Portugal ou improvisada no Tejuco através de textos e planos recebidos de Lisboa. Existem citações nos livros das Ordens do Carmo e Sacramento de sua atuação como cantor.
3. Exerceu Lobo de Mesquita influência em sua construção e qual teria sido? Na época da construção há registros de pagamentos em seu nome nos livros da ordem do Carmo por uma colaboração na instalação do instrumento.
4. Quanto a seu teclado atual não é o original, foi colocado um similar ao de piano que provavelmente foi trocado em sua penúltima intervenção. Tem uma tessitura bastante original e peculiar: são 5 oitavas, começando pelo Fá<sup>0</sup> e terminado com a nota Fá<sup>5</sup>, similar aos cravos flamengos e franceses da segunda metade do séc. XVIII. Qual razão para este teclado ser assim?
5. Qual seria sua afinação e temperamento originais? No estado atual que se encontra, os tubos foram cortados ou aumentados usado-se papel e barbantes.
6. Qual era a razão dos constantes consertos e até a confecção de um novo fole registrado nos livros da Ordem? Onde ficava o fole? Considerando a abertura no console abaixo do teclado questionamos: seria ele interno e acionado pelo próprio organista como em Duas Igrejas em Portugal? (Ver foto no quadro 3, página 07). Seria acionado lateral como em Córregos?
7. Porque o posicionamento do órgão centralizado no coro e o que motivou aos irmãos da Ordem do Carmo a decidir assim? Porque o console colocado por trás do instrumento?
8. Que liga foi usada na fundição dos tubos de metal? Chumbo e estanho ou somente chumbo como parenta atualmente? Há registros nos livros da Ordem do Carmo da compra de estanho e chumbo (1782-1783). Em 1791-1792 tubos foram soldados novamente e endireitados.

O desvendar dos mistérios em torno deste instrumento será nosso foco de pesquisa de mestrado. Faremos um paralelo técnico baseado nos dados por nós já levantados sobre estes três instrumentos. Também levaremos em consideração órgão do Distrito de Córregos que pode ter sido obra do Padre Manuel de Almeida e Silva pelas similaridades já constatadas com o instrumento de Diamantina. Realizaremos mais pesquisas históricas e técnicas na região norte de Portugal.

Consideramos que o desenvolvimento desta pesquisa poderá contribuir para futuras ramificações na área, trazendo novos dados sobre o instrumento e principalmente, trazer à luz sua verdadeira história. Também será possível um estudo relevante considerando que este instrumento é uma importante fonte de investigação e de estabelecimento de padrões sonoros até o momento não considerados para a execução da música de Lobo de Mesquita.

### 7 - Um paralelo entre o órgão de Diamantina e seus “irmãos portugueses”

	<i>DIAMANTINA - MINAS GERAIS</i>	<i>DUAS IGREJAS</i>	<i>PICOS DE REGALADOS</i>
<i>CAIXAS</i>			
<i>FACHADA</i>			
<i>CONSOLE</i>			
<i>TECLADOS</i>			
	61 Teclas	47 Teclas – 8 <sup>va</sup> Curta	47 Teclas – 8 <sup>va</sup> Curta

Quadro 3: Os três instrumentos

## 8 - Referências Bibliográficas

- Brescia, Marco Aurélio. Valladolid: Associação de Amigos do Órgão Lobo de Mesquita, 2005. Mimeografado. 20 p. Título original: Proyecto de Restauración del Órgano Histórico de la Iglesia del Venerable Orden Terciario de Nuestra Señora del Carmen de Diamantina.
- Cotta, André Guerra. A Música em Itabira de Mato Dentro: Reflexões Sobre Uma Pesquisa de Campo de Leituras de Fontes. In: Anais do V Encontro de Musicologia Histórica. Juiz de Fora. 2002.
- Forst, Bruno. Projeto de Restauração do Órgão Histórico da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Diamantina. Tradução de Marco Aurélio.
- Holanda, Sérgio Buarque de. A época colonial. Administração, economia, sociedade. História geral da civilização brasileira, v.2, tomo 1. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.
- Kiefer, Bruno. História da Música Brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1977.
- Lange, Francisco Curt. História da música na Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais, v. 8. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- . Religious Music Of The Capitania Geral das Minas Gerais. Texas. USA, 1960.
- . A Organização Musical Durante O Período Colonial Brasileiro. V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Coimbra – Portugal, 1966.
- Machado Filho, Aires da Mata. Arraial do Tejuco, Cidade Diamantina. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- Neves, José Maria. 1997. Introdução. In Música sacra mineira: Catálogo de Obras. Rio de Janeiro: FUNARTE.
- Raposo, Lucas. Os Órgãos de Minas Gerais. Revista Minas Gerais, Belo Horizonte, n.20, p. 28-34, Set. 1989.
- Resende, Maria da Conceição. A música na história de Minas colonial. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. 765p.
- Saint-Hilaire, Auguste de. Viagem Pelo Distrito os Diamantes e litoral do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.
- . Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, 2000.
- . 1822. Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- Silva, Handel Cecílio Pinto; Brescia, Marco Aurélio. Órgão Lobo de Mesquita – Dossier. Diamantina: Associação de Amigos do Órgão Lobo de Mesquita, 2004. Mimeografado.